

EXPEDICAO DEMENE- RETRANCA INDIOS- COM FOTOS- DE GABRIEL NOGUEIRA- TODAS AS COPIAS PARA TONICA- AMBIENTE/AE (ABRE)

Aldeia Ianomâmi de Ajuricaba, Alto Rio Demene (AM) - Na placa indicativa da Funai, informando o início da área ianomâmi do Rio Demene, está amarrado o barco "5 de Maio", carregado de tartarugas e cachaça. A bordo, José Campos espera a chegada dos índios para fazer a troca das tartarugas pela bebida. José Campos estaria sujeito a prisão inafiançável se o Ibama tivesse fiscais (são apenas 30 em todo o estado do Amazonas) para dar o flagrante e a Funai mais pessoal de apoio (são apenas quatro homens para cuidar dos cerca de dois mil ianomâmis que habitam as imediações do Demene).

Os ianomâmis são a última nação indígena na região do Demene, um dos afluentes da margem esquerda do alto Rio Negro, região ainda praticamente intocada. O grupo conseguiu sobreviver devido ao escasso contato que mantinha com o homem branco, ao contrário de outras tribos, como os bahuana e cheriana da nação Arauaca (aruac), dizimadas pela escravidão e por doenças como pneumonia e sarampo, trazidas pela civilização branca.

Numa iniciativa da Agência Estado, o Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA-Embrapa) e a Universidade Paulista (Unip/Objetivo) estão desenvolvendo um projeto de zoneamento econômico-ecológico da região do Demene, com o objetivo de demonstrar que, com baixo impacto ambiental, o desenvolvimento da Amazônia é possível. "A criação de florestas nacionais em torno das reservas indígenas seria uma das alternativas para evitar o contato danoso com o homem branco. Essas florestas funcionariam como amortecedores", observa Evaristo Eduardo de Miranda, do NMA, que coordena o zoneamento. Com a classificação dos sistemas ecológicos e humanos da região será feito um diagnóstico de como a ocupação atual poderá influir na preservação ou destruição futura do ambiente natural, explica Renato Cabral, coordenador da pesquisa econômico-social.

Dos Arauacas resta apenas uma sobrevivente, de 85 anos e muito doente, que ainda fala a "gíria" (dialeto) da sua tribo, a bahuana. O linguista francês Henri Ramirez trabalha numa gramática para registrar o dialeto em vias de desaparecer.

Na área ianomâmi, uma ameaça está no ar: garimpeiros vindos de Roraima e Rondônia já foram vistos fazendo prospecção de ouro. Eles estão vindo pela Rodovia Federal Perimetral Norte e pelo Rio Quatrimani, um afluente do Rio Branco. Os garimpeiros chegaram a montar maquinário na cachoeira do Pacuri, distante três horas a pé do Posto Ajuricaba. Mas não encontraram nada e foram embora, informa o "tuxaua" (cacique) Iton, líder dos ianomâmis. Para entrar na terras dos índios, os garimpeiros distribuem fumo de rolo e muita cachaça, conta o guia da Expedição Demene, Martinho Cordeiro Marinho, um índio tucano

que se apresenta como "caboclo" devido à discriminação existente em Barcelos.

Dito expedições de prospecção mineral já foram vistas na região do Demene depois que o governo começou a expulsar os garimpeiros de outras lavras da Amazônia. Mas o ecologista Evaristo Eduardo de Miranda, coordenador da Expedição Demene, acha difícil a ocorrência de ouro porque os terrenos da região são recentes geologicamente: "Se encontrarem alguma coisa será com baixo teor porque a área é sedimentar", informa.

O assassinato de índios, principalmente os aculturados, é fato comum, segundo o coordenador do núcleo da Funai em Barcelos, João Silvério Dias, o "João Mineiro". No dia 15 de agosto, Pedro Antônio de Souza assassinou o índio arapaçu Kelson José Lemos num igarapé de extração de piaçava, fibra usada para confecção de vassouras. Seria o terceiro assassinato impune de índio praticado por Pedro se o pai de Kelson, Firmino, não tivesse ferido o assassino ao ser agredido por ele.

INDIOS-BOX: Os ianomâmis

Aldeia Ianomâmi de Ajuricaba, Alto Rio Demene (AM) - Quem chega ao posto Ajuricaba, no Alto Rio Demene, encontra uma realidade de doença e miséria entre os ianomâmis que mantêm contato regular com os homens brancos. Segundo João Mineiro, coordenador da Funai em Barcelos, há 72 índios que moram em volta do posto. Cerca de dois mil que vivem na floresta, nas imediações dos rios Padauri, Manuirá e Demene têm pouco contato com a civilização e melhores condições de saúde.

Mas entre os do posto Ajuricaba, que fica a 16 horas de voadeira (lança rápida) de Barcelos em época de inverno (rio cheio) ou quatro dias, na época de seca, a situação é de abandono. O principal meio de comunicação com a Funai é um rádio operado pelo índio Antônio. O próprio coordenador da Funai admite que a falta de recursos impede uma ação efetiva.

Numa grande maloca coletiva de palha, o "chaponó" (que significa casa grande), amontoam-se os doentes, crianças, homens e mulheres, jovens e velhos. A maior parte tem malária. Todos no posto aparentam estar doentes, inclusive o tuxaua Iton, que está com malária. Um índio, mordido por cobra jararaca, está muito mal e os medicamentos ministrados pelo pessoal paramédico da Expedição Demene ajudam a salvar a sua vida.

No seu idioma, ianomâmi significa "eu sou gente". Mas os habitantes de Ajuricaba estão em fase de desagregação cultural, a mesma que já acabou com outras tribos da região. "Os índios não têm condições de sobrevivência em estado natural depois do contato com a sociedade moderna. Eles não têm mecanismos de defesa. É a briga da baladeira contra o canhão", compara o sociólogo Renato Cabral, do NMA.

A situação de penúria dos ianomâmis reflete a falta de recursos, diz João Mineiro. Até 27 de agosto, o posto da Funai havia recebido Cr\$ 631 mil para cuidar dos índios doentes e fazer funcionar os três postos ianomâmis. "Só com a ajuda dos voluntários estrangeiros conseguimos dinheiro para pequenas coisas, como comprar gasolina para os barcos que inspecionam os postos", conta o coordenador da Funai.

BOX: OS Arauacas - GABRIEL NOGUEIRA, com fotos

Aldeia Ianomâmi de Ajuricaba, Alto Rio Demene (AM) - "Eu falo e eles não compreendem a minha gíria. Meu velho, que morreu no ano passado, era o único que me compreendia. Agora só falta chegar a minha vez", diz a última dos bahuana, tribo da nação Arauaca (Aruak), Claudina de Souza Soares, 85 anos, sem esconder a tristeza de ver o que resta de sua cultura morrer com ela. Dos três filhos, nenhum se interessou em aprender a "gíria" dos pais e se converteram à religião evangélica. Os netos, por sua vez, já são filhos de mães brancas e caboclas.

Do mesmo grupo indígena que os terenas, de Mato Grosso, uapixana, de Roraima, baniwa, do Alto Rio Negro, e ipurinan, do Rio Purus, os arauacas se dividiam em pelo menos seis grupos, bastante numerosos. Quando da fundação da Capitania de São José do Rio Negro, em 1755, que depois passou a se chamar Barcelos, uma missão carmelita se instalou no local onde havia uma maloca da tribo mariuá, também da nação Arauaca, segundo informa o linguista Henri Ramirez, da Universidade de Ex-Marseille, da França. Ramirez está preparando uma gramática do dialeto bahuana, salvando-o assim do desaparecimento total, como já ocorreu com inúmeras línguas indígenas.

Muitas tribos foram capturadas para servir de mão-de-obra escrava devido ao alto preço do escravo africano na época. No fim do século passado e início deste século, essas populações passaram a ser utilizadas na extração de borracha de seringueira. Segundo Ramirez, entre 1914 e 1933, quando exploradores ainda encontraram arauacas, doenças como sarampo e gripe dizimaram todos os grupos que habitavam as imediações do Demene.

Com oito anos, Claudina e o marido, na época também criança, sobreviveram porque estavam numa missão religiosa em Samaúma, única comunidade da margem esquerda do Rio Demene. "Não tinha remédio para curar minha gente e todos morreram", lembra Claudina. Um dos netos desta índia, Virgílio de Souza Soares, é vereador em Barcelos, última cidade antes da embocadura do Demene.

A "gíria" falada por Claudina é muito diferente das outras da mesma família, diz o linguista Ramirez, que também morou seis anos com os índios ianomâmis (três anos aprendendo a língua e três ensinando-os a escrever na sua própria

língua). "Essa língua tem cinco vogais (menos o "o" da língua portuguesa) (e qual é a quinta?). Os pronomes pessoais são iguais aos possessivos". Ao invés de falar "Eu vi meu irmão", o bahuana falava "Meu ver meu irmão", explica Ramirez. "Foa", uma das consoantes, soa da mesma forma que a consoante japonesa "fu", relata o linguista.

Os "Aruak" eram portadores de uma das culturas mais elaboradas da floresta tropical, diz o antropólogo Darcy Ribeiro em seu livro "Os índios e a Civilização". Desenvolviam trabalhos de tecelagem, cerâmica, construção de canoas e agricultura de alto nível e exerciam forte influência sobre outras tribos, chegando a "arauquisar" muitas delas.

BOX/MIGRAÇÕES

O único grupo indígena que permanece na região do Demene, originário de outra localidade, está praticamente aculturado. O "capitão" Francisco Miguel, um índio da tribo "Baniwa", oriundo do Rio Içana (afluente da margem direita do Rio Negro, no noroeste do Amazonas), e mais dois irmãos, Alberto e Laureano, saíram de sua aldeia com o objetivo de ir trabalhar em Manaus. Chegando em Barcelos, em 1985, foram levados pelo prefeito da cidade para a localidade de Pai Raimundo, na margem direita do Rio Demene.

De posse da terra, trouxeram filhos e parentes que somam hoje um total de 44 pessoas, subsistindo como caboclos, plantando mandioca e vendendo farinha. A única atividade tribal mantida é o artesanato de cestos e balaies com a fibra de "arumã", uma cana sem gomos. O artesanato é vendido pela Funai e o dinheiro obtido empregado na compra de alimentos e artigos de subsistência.

Até o arco-e-flecha foi praticamente abandonado por esses índios e hoje é uma forma de brincadeira de crianças. No dia em que a Expedição Demene passou por Pai Raimundo, os índios, por falta de munição, estavam há vários dias sem caçar. A própria continuidade do grupo étnico é incerta: o primeiro casamento na nova localidade uniu uma filha do índio Laureano com um branco.

O patriarca João Miguel (~~não é o "capitão" Francisco Miguel??~~) pai dos três índios que dominam a comunidade, é o único que praticamente só se comunica no dialeto tribal, entendendo muito pouco o português. Apesar de estar com mais de 70 anos de idade, é ele quem ainda faz as canoas escavadas no tronco da madeira itaúba usadas pelo grupo. Como todos são pobres, não podem comprar as canoas de oito metros, feitas de tábuas de itaúba, que chegam a custar Cr\$ 150 mil.

BOX- INDIO -ASSASSINATO

BARCELOS (AM) - O ex-presidiário Pedro Antônio de Souza costumava se vangloriar dizendo que matava índios e nunca havia sido punido. No dia 15 de agosto, depois de se embriagar como de costume no Igarapé Cabeçudo, afluente do Rio Negro, onde trabalhava extraíndo fibra de piaçava, matou o terceiro índio em dois anos. O índio assassinado, Kelson José Lemos, 23 anos, da etnia arapaçu, levou um tiro no peito porque se recusou a emprestar o seu gravador.

Pedro teria ficado impune se não tivesse tentado matar também o pai de Kelson, Firmiano Lemos, 62 anos, que se defendeu com um machado mas assim mesmo foi ferido em várias partes do corpo por um terçado. Levado em estado grave para Manaus, Pedro agora vai pagar pelos seus crimes, garante João Silvério Dias, o "João Mineiro", coordenador da Funai em Barcelos.

Nos igarapés dos rios Negro e Demene, centenas de índios vivem e trabalham misturados a brancos e caboclos na extração da fibra da piaçava, usada para fazer vassouras, e de sorva, uma resina não elástica, base da goma de mascar. A maioria, analfabeta, nega a origem indígena, se passa por "caboclo" para evitar a discriminação racial e é explorada pelos "patrões", intermediários que os abastecem de cachaça e mantimentos vendidos a preços de duas a três vezes superiores, diz João Mineiro.

Contando a história da morte do filho único, Firmiano, sentado na sala da casa da Funai, chora e lamenta não "poder ter vingado o sangue do filho". O seu maior medo é o futuro: praticamente sustentado pelo filho único por não ter mais condições de fazer o trabalho de um homem jovem, exigido na extração da piaçava, Firmiano não sabe como vai sustentar a nora, grávida, e os dois netos menores de idade.

"O patrão João Nunes ficou com a espingarda, duas canoas, enxada e terçado do meu filho e ainda diz que a gente deve a ele", lamenta-se Firmiano, reduzido à miséria. O gravador, objeto do crime, um modelo barato encontrado em Manaus por menos de Cr\$ 40 mil, foi vendido pelo patrão em troca de uma tonelada e meia de piaçava, que vale Cr\$ 180 mil. O patrão também ficou com ele.

Os índios que extraem da floresta o seu sustento só procuram a Funai em casos extremos, afirma João Mineiro. Em muitas dessas colocações extrativistas, há casos de pessoas que passam anos impedidas de vir a Barcelos. Os patrões cobram preços absurdos pelos produtos que fornecem, como Cr\$ 4 mil por uma lata de leite e Cr\$ 2 mil por garrafa de cachaça. "A maior parte da piaçava e sorva extraída da floresta é trocada por cachaça", diz João Mineiro.

fim